

assy morarẽ trala cerca da dita bila q. sseiã tetores nẽ curadores das ditas pessoas cõ q. nõ ham divedos nẽ consentados q. os para elo constrangã nẽ vos e essas minhas Justiças al nõ façades. Dante em Coimbra ssete dias de novembro El-Rey o mãdou per Alfonso Dominguez sseu bassalo martim Reymõdo a fez. Era de myl e quatro-cẽtos e dois anos. Alfonso dominguez» ¹.

Bragança 12 de Julho de 1909.

P. S. O documento a que se refere, em nota, o Sr. Pedro de Azevedo, existiu na Camara de Bragança e d'elle tem copia o meu excellento amigo P.^o Francisco Manuel Alves, abbade de Baçal. Concede aos «que moravam dentro trala arca» os mesmos privilegios e tambem se refere ás duas «pestelenças q. despobraram» a cidade, é datado (como diz a nota) de 1377 sendo ao tempo «meirinho moor em a camara de tralos montes» João Rodrigues Portocarreiro. Vem dirigida a este ou «a outros quaesquer que depois de bos biu por meiryinho ou corregedor».

Diz-me aquelle meu erudito amigo que viu as confirmações dos mesmos privilegios por D. Manoel e D. João III. Diz ainda que no archivo da camara de Moncorvo encontrou outra carta identica concedida por D. Fernando.

F. DE MOURA COUTINHO.

As lagaretas do castro de S. Miguel-o-Anjo em Azere

Num estudo a que pús o titulo de *Insculturas em rocha em castros de Valdevêz ou varios penedos com pias* e publiquei n-*O Arch. Port.* IV, referi-me entre outras a uma excavação (pp. 291 e 302) de pequena profundidade, feita numa rocha situada em encosta adjacente ao castro propriamente dito de S. Miguel-o-Anjo. Julguei então satisfazer a documentação do meu artigo, descrevendo e consignando as dimensões d'esta fossa, que reputei analoga á da fig. 1, aliás de mais cuidadoso e serio trabalho.

Uma particularidade, porem, que o espesso musgo de que o granito se recobria, me occultou por occasião da primeira visita a essa anti-

¹ [Em 25 de maio de 1377 passou D. Fernando uma carta identica a esta, não a mencionando todavia: I de *Alem-Douro*, fl. 260, na Torre do Tombo.— P. DE A.].

gualha, veio dar maior importancia a este monumento agricola tão antigo. Ao meu amigo P.^o José Saraiva de Miranda, sagaz pesquisador, que brevemente realçará as columnas da nossa revista com a bella serie dos seus descobrimentos archeologicos, devo a revelação do que me proponho descrever e verifiquei com meus proprios olhos.

A pia de que me occupo agora está, como disse no referido fasciculo do *Archeologo*, numa encosta, em que o castro se desdobra para nascente e que se inflecte depois sobre um ingreme córrego para formar um convalle apertado que tem o nome de *Purto*. A excavação artificial é quadrangular, os angulos internos são curvilineos, e a sua profundidade é apenas de 0^m,05. Os lados medem 1^m,10 e 0^m,95. No do nascente praticou-se um sulco transversal com o comprimento de 0^m,17 e largura de 0^m,10, ligado á bacia por um pequeno resalto de 0^m,03 de altura e terminado na aresta do penedo, cuja altura para o solo é de 0^m,95.

A esta obra attribui um destino agricola e é essa ainda hoje a minha ideia, aliás confirmada pelo que se me patenteou depois e agora refiro.

Circuitando internamente as paredes d'esta excavação deixou-se ver, extrahido o musgo, uma fileira de pequenas depressões alongadas e estreitas em numero de quinze (fig. 1.^a), depressões onde se deveriam ajustar as extremidades de uma serie correspondente de quinze fasquias verticaes de maior ou menor altura, sustentadas por algum arco de ferro ou madeira, ou por alguma corda quando sobre a excavação se depusesse a massa vinifera destinada á espremedura.

Esta operação do antigo processo de obter vinho, conduzida pela forma que este pequeno lagar presuppõe, devia produzir maior rendimento em liquido do que o sistema a que correspondem os achados de Gragnano, da inscultura de Napoles, de Bensafrim e de Nellas. (*Arch. Port.*, II, 66; III, 82; e IV, 300)¹. É certo que as *regulae*

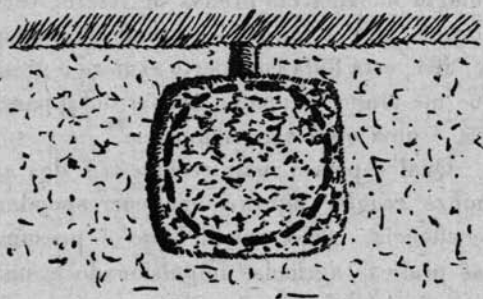


Fig. 1.^a

¹ Veja-se tambem *O Arch. Port.*, VIII, 252.

já eram empregadas, mas nenhum d'aquelles restos nos mostra a particularidade agora descrita que representava um sensível aperfeiçoamento. Não deixavam as *regulae* de ser moveis; mas, encaixadas cada uma na depressão que lhe correspondia, adquiriam maior resistencia á pressão e a força empregada tornava-se melhor utilizada.

As circunstancias da exploração dos *torcularia* lusitanos demonstram, me parece, que era em epoca romana que esta vinificação se fazia. Estrabão tambem não nos diz que os Lusitanos bebessem vinho, senão *zitho* de cevada. O vinho exportava-se da Turdetania. Por forma que as pias do castro de S. Miguel-o-Anjo de Azere, descritas n-*O Arch. Port.*, IV, 289, corresponderão já ao periodo mais recente de romanização dos castros. Por outro lado ellas acham-se situadas em terrenos que constituem já desdobramentos das encostas originariamente occupadas pela população castreja, mas ainda longe das baixas ou varzeas, que só uma pacificação tardia entregou ao exercicio da agricultura. É nos flancos d'essas collinas que ainda hoje se desenhão os terraplenos ou leiras, antigamente cultivadas, mas hoje a mato, não parecendo que se possam deixar de relacionar as pias com esses tão proximos indicios de cultura.

Se porém o leitor d'esta noticia me quizer a precisar mais a chronologia da lagareta-prensa de Azere, ver-me-ha hesitar na resposta; porque, se por um lado a grande fossa representada n-*O Arch. Port.*, IV, 291, está feita com certo esmero e grandissimo trabalho, aquella de que me tenho occupado, apesar do apparente melhoramento que mostra, é uma obra algo summaria.

Qual é pois a mais recente? A dos encaixes ou mechas para as quinze *regulae* figura-se-me corresponder melhor a um periodo de decadencia, como aquelle que é presumivel após o derramamento das praticas agricolas impulsionado e sustentado pela civilização romana, isto é, o dos seculos em que o desassossego social roubava braços á cultura pacifica da terra.

A população castreja de Azere estendeu-se para oeste e sudoeste, deixando patentes vestigios. Numa eminencia, que aliás ainda é mais elevada que o proprio castro, ha destroços antigos sobre o solo; ha a toponimia expressiva *Alto das Igrejas* e, como comprovação, ha uma sepultura rupestre, que ha muito considero de epoca christã e medieval¹. As lagaretas descritas n-*O Archeologo* estão situadas na area da irradiada

¹ Por falta de occasião e cabimento não publiquei ainda um estudo propostado da questão d'estas sepulturas.

ção do castro de Azere e, o que parece paradoxal, é a freguesia de Giella e não a actual de Azere, cuja sede fica a noroeste, que se deve considerar como o nucleo em que evoluciou social e chronologicamente a povoação protohistorica. Junto da parochial de Giella descobriam-se, ha nove annos, sepulturas trapezoidaes de *tegulae* e *lateres*, necessariamente antigas, embora medievas e christãs, porque sobre ellas pesava já uma espessa camada de terreno de transporte¹. Nas proximidades existe a quinta de Real, onde não são raros os vestigios da antiguidade já por mim observados e annotados.

Toda esta area é pois muito digna de estudo, podendo encontrar-se nella elementos uteis para a historia pregressa das povoações medievas, e portanto das nossas contemporaneas.

Não é sem exemplo no país esta inscultura minhota. Nas *Comunicações da Commissão dos trabalhos geologicos de Portugal*, II, 1.º, 84, Paula e Oliveira refere a existencia a 800 metros ao sul de Alcabideche (Cascaes), no casal de Geraldo, de uma pia de contorno subpentagonal (fig. 2.^a), cujo fundo é levemente inclinado e tem junto do bueiro a profundidade de 0^m,20, elevando-se do lado opposto até o nivel do bordo saliente que a circunda. Vinte e uma covinhas estão abertas na face superior do bordo, em quasi todo o circuito.

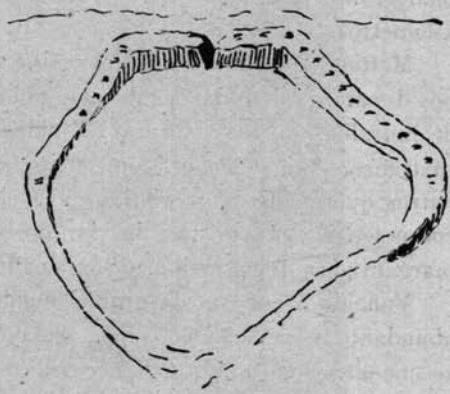


Fig. 2.^a

Paula e Oliveira attribua em geral fossas como esta a eras prehistoricas, no que me parece se equivocava. Perto d'aquelle casal ha, no seu proprio dizer, destroços de construcções romanas, e em virtude d'isto o malogrado authropologista não achava comtudo impossivel que as pias de Alcabideche fossem tambem romanas, no que se me affigura que elle se aproximava mais da verdade. A rudeza da inscultura de Alcabideche é bem maior que a da de Azere,

¹ A descoberta d'esta necropole foi vigiada pelo Rev.^{do} Abbade da dita igreja o meu sympathico amigo P.º Manuel José Pereira Fernandes, que se houve com muita intelligencia e dedicacão. Ainda hei de adormecer os leitores d-*O Archeologo* com os materiaes das sepulturas de Giella.

mas os seus destinos eram os mesmos. A natureza da rocha é também diversa.

Estes dois factos, porém, são elementos aproveitáveis para a historia da agricultura em Portugal ao norte e ao sul. As excavações artificiaes na rocha abertas com fim agricola não devem ter sido raras entre nós, mas vão-no sendo apressadamente. Como porém as de Valdevêz e de Cascaes, não me occorre nenhuma outra.

Outubro de 1909.

F. ALVES PEREIRA.

O castello de Celorico do Basto

Na freguesia de Arnoia, sobre um cabeço em cujas faldas demorou a velha villa de Celorico, transferida em 1719 para Freixieiro, assenta este padrão militar, modesto por sua fabrica, mas bem merecedor de especial registo. A molle granitica que elle coroa ergue-se mesmo á ilharga da estrada que segue para a nova villa, da qual dista uns oito kilometros.

Mettendo pelo travesso que conduz ao cerro, a nascente, de pronto se nos deparam, alem das sombrias e pobres habitações do logar, pedaços de muralha em duas cinturas, diluidas reminescencias de um povoado castrense. Ahi collocam, com effeito, alguns a antiga *Celiobriga*, que outros querem tivesse existido em Celorico da Beira. Já por falta de competencia, já por me desviar do objectivo, deixo esse assunto á margem para quem melhor o possa estudar. Vamos portanto ao castello.

Vencida a encosta da grande pendente pela parte accessivel, com abundante vegetação no sopé, arida e penhascosa para o cimo, não se encontra logo o ádito. É necessario costear a muralha para o attingir: unico, escancara-se ao soalheiro para a parte ingreme do monte. Aproveitada astuciosamente esta natural defesa, completava-a a torre altaneira erecta mesmo ao lado. O terreno já difficil no tramite que vae á entrada, é intransponivel na base da torre; ahi o declive pronunciadissimo mostra o seu ameaçador abysmo. De proporções reduzidas a porta toma por momentos a attenção; acurada em acabamento indica a diligencia de uma construcção solida, com a sua retro-volta, ou abobada rematada por um cintro interior, seguida á forma parallelogrammica que tem exteriormente. O seu lintel, polythico, é de bom entalhe. Entrando, temos á direita o cubo protector do torreão e oppostamente a rampa com degraus que leva á banquetta da muralha. Como ponto fraco, merecia este especieis cuidados. Ao nascente, mesmo